

Fátima da Cruz Rodrigues



Fátima da Cruz Rodrigues é de Ponte de Lima, mais precisamente da freguesia da Facha, mas reside no Porto desde que entrou para a Faculdade de Letras da Universidade do Porto onde se licenciou em Sociologia (1992). Frequentou duas vezes a Universidade de Coimbra: a primeira para obter o grau de mestre na área de especialização em Sociologia do Desenvolvimento e da Transformação Social, pela Faculdade de Economia (1999); a segunda, nessa mesma Faculdade e no Centro de Estudos Sociais onde frequentou o Programa de Doutoramento «Pós-Colonialismos e Cidadania Global» (2006) e se doutorou, em Sociologia, em 2013, com o apoio de uma bolsa de doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia, com a tese orientada pelo Professor José Manuel de Oliveira Mendes que deu origem a este livro. É docente da Universidade Lusíada do Porto desde que se licenciou e é investigadora do Centro de Investigação Interdisciplinar da Escola de Criminologia – Crime, Justiça e Segurança (CJS) da Universidade do Porto, desde 2017. Os seus principais interesses de pesquisa giram em torno de problemática das guerras coloniais/guerras de libertação.

ANTIGOS COMBATENTES AFRICANOS DAS FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS

A Guerra Colonial como Território de (Re)conciliação

Fátima da Cruz Rodrigues
ANTIGOS COMBATENTES AFRICANOS DAS FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS
A Guerra Colonial como Território de (Re)conciliação

Entre 1961 e 1974, nas guerras que marcaram os últimos anos da longa presença colonial portuguesa em África, Portugal recrutou milhares de soldados africanos para as suas Forças Armadas.

Este trabalho procurou compreender como esses antigos combatentes das Forças Armadas Portuguesas (FAP) que lutaram nessas guerras contra os movimentos de libertação e que, entretanto, vieram residir para Portugal, interpretam os seus percursos de vida. Nesse sentido, a pesquisa recorreu, predominantemente, às narrativas biográficas oferecidas pelos próprios antigos combatentes africanos das FAP, mas percorreu também outros registos e fontes tais como arquivos históricos, memórias e testemunhos de muitos antigos combatentes não africanos da Guerra Colonial, e diversos encontros de rememoração da Guerra.

O ponto de partida deste trabalho resumiu-se a uma interrogação aparentemente simples: quem são estes antigos combatentes africanos das FAP que residem em Portugal?

A resposta encontrada foi: estes são homens que procuram um lugar onde possam ser reconhecidos como aquilo que são, que podem ser e que querem ser na Angola, no Moçambique, na Guiné-Bissau e no Portugal pós-coloniais.

Para muitos dos antigos combatentes africanos das FAP que colaboraram com este trabalho, esse lugar que procuram é a interpretação que oferecem da Guerra. Uma interpretação segundo a qual a Guerra é um lugar outro no Portugal pós-colonial. Esse lugar é o da Guerra como um território de (re)conciliação. Uma conclusão pouco provável, quando sabemos que a guerra é um território de devastação, e um lugar de transformação ontológica sem retorno. Mas, na verdade, é esta a conclusão deste trabalho, que escolheu olhar a Guerra partindo do ponto de vista dos antigos combatentes africanos das FAP.